

Mais de metade dos jovens referem sentir ou já terem experienciado situações deste género

## Prevenção fulcral para combater violência no namoro



A violência no namoro foi o tema ontem abordado nos estúdios da rádio 88.8 JM FM, no âmbito da campanha lançada pela Secretaria Regional da Inclusão e Assuntos Sociais, numa conversa com Susana Pedra, que integra a Equipa de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica.

Sobre este tipo de violência em específico, a Secretaria promoveu, através do Instituto de Segurança Social da Madeira, uma campanha regional, lançada em 2016, intitulada 'Que Queres?', inspirada pelo jogo tradicional 'Quantos Queres?'. O objetivo é transmitir um conjunto de informações de forma lúdica e pedagógica.

“‘Que Queres’ remete para uma reflexão”, referiu. “O que é que os jovens querem quando iniciam uma relação de namoro. O que procuram, o que esperam que o seu namorado ou namorada lhes ofereça, e o que possam construir em conjunto”.

A campanha, que assenta em quatro questões - “que queres”, “que fazes”, “que aceitas”, “que escolhes” - pretende também desconstruir alguns 'mitos'. “Por exemplo, que o ciúme e o controlo são provas de amor”, apontou Susana Pedra. “Quem ama confia, quem ama não domina e dá liberdade ao namorado ou namorada.”

Numa altura em que estudos apontam que mais de metade dos jovens referem sentir ou já terem experienciado situações relacionadas com a violência no namoro, Susana Pedra reforça a importância de saber detetar cedo os sinais, e de não desvalorizar esses mesmos casos.

“A violência, quer seja no jovem ou no adulto, em qualquer faixa etária, traz vergonha, silêncio, medo e angústia”, admitiu, identificando um dos aspetos a combater para conseguir que o problema seja identificado e denunciado. “O velho ditado ‘entre marido e mulher não se mete a colher’ ainda continua, mas há o dever de meter a colher”, acrescentou.

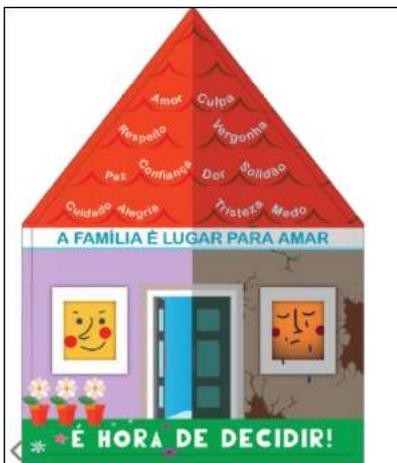
A concluir, Susana Pedra referiu que as três casas de abrigo existentes na Região têm sido uma resposta recorrente em casos de violência doméstica.

### Escolas têm papel importante para combater tendência

Atendendo aos números alarmantes no que respeita à violência no namoro entre os mais jovens, Susana Pedra considerou fundamental que o combate a este tipo de comportamentos venha “desde muito cedo, desde o berço, quase”.

“As escolas têm um papel importante, tal como têm todos os núcleos em que a criança se encontra inserida”, disse. “Não se pode considerar que é responsabilidade apenas de um, mas de todos nós, enquanto sociedade, porque este é um problema social, de justiça, de saúde, um problema de todos nós”.

**E Violência? Busca Ajuda! Não Permitas! Não Toleres! Faz Diferença! Entra em Ação!**



**Violência, vítima, repressão, agressor(a), lei, culpa, dor, silêncio, grito, isolamento, medo, prisão, fuga, perseguição, sonho, esperança, desistência, força, apelo, ajuda, destroços, determinação, sofrimento, perda, libertação, reencontros, outros horizontes...**

Estas podem ser palavras ocas, lançadas sem sentido. Podem ser ideias amontoadas a quererem contar histórias que se imaginam como distantes, impossíveis ou improváveis.

Mas podem também ser realidade experimentada num dai-a-dia caótico, imprevisível, desesperante e também esperançoso, que por mais que seja dito, não é totalmente entendido senão por quem o vive, o sente, o teme, e sonha dele se libertar, sem saber como.

A violência que não se percebe bem, o começo que se teme, um fim que não se quer, que faz começar todos os dias com o mesmo temor.

A violência que se disfarça de sonhos, alimentados por promessas de um dia de sol, e que de repente, sem aviso, se transforma em vendaval sem direção, sem possível previsão e por isso sem saber ou poder antecipar a proteção.

A violência que distorce o que é o amor, que tira o sentido doce à palavra “casa”, e que continua a fazer do sonho de “família” uma utopia que se persegue e que se acredita, porque é preciso acreditar para não desistir.

A violência que mata a esperança e que devagarinho constrói o muro do silêncio, do isolamento, da descrença e do abandono.

Violência pode ser isso tudo. Há algo que todas as violências têm: DOR.

As violências sentidas pelas crianças impõem dor,

As violências contra as pessoas idosas dão dor,

A violências contra pessoas com deficiência, carregam dor,

As violências sobre as mulheres e homens alimentam a dor,

A violência contra a Pessoa, oferece a dor.

A dor não é uma dor física. É uma dor física, é uma dor mental, espiritual, dor de afetos trocados, não desejados, é uma dor sem bálsamo que dura e que sempre, sempre, está carregada de perdas.

Mas a violência também é criadora de indignação, também dá Força para dizer Não!

Não aceito! Não submeto! Não mereço! Não é digno! Não calo! Não desisto! Não acredito existir amor feito de anulação e dor!

Da afirmação do Não, tornada grito a nascer dentro de cada pessoa violentada, brota a Força que constrói esperança, que Não silencia, que busca ajuda, e que Não desiste nunca.

Mas, como se pode dizer Não, se isolado contra uma força embrutecida, desmedida?

São precisos outros braços, os braços que acolhem, que escutam, que também sabem dizer Não, que têm uma força maior, moldada com a dignidade de não usar nem ceder à violência, mas opor-se-lhe sem cedência, na certeza de que não é nela que se constrói e se projeta a VIDA.

Com estes Braços, Todos, pode-se finalmente tecer o acolhimento e alimentar a esperança - porque se labuta no terreno da vida concreta, se mantém por perto, se importa e não desiste nem está longe quando quem gritou, desanima.

Sim, porque é quem precisou de gritar, por vezes sem voz, que tem de se levantar e avançar. Os braços, os outros, acolhem, mas não substituem. Devem estar lá, mas o percurso exige ser percorrido com os passos de quem caminha.

Há ainda muitos outros passos a dar. Há muitos outros braços por levantar. Quem gritou, quem se libertou, quem acreditou, não pode estar só: pode querer parar por cansaço, por exaustão, por não saber o trajeto ou por temer o desconhecido. É nova violência, esta outra, feita por causa dos braços que não se levantaram ou dos dedos que apontam, ou das portas que se trancaram na hora em que deviam escancarar.

Eu sei!

Sei que já hoje a força bruta perde o poder, perante uma lei que a criminaliza.

Também sei que a dignidade de uma sociedade que repudia tal violência, é construtora de novas soluções e sobretudo de novas atitudes.

E sei que, com essas atitudes, a violência nem deve começar, porque quando ela emerge, haverá alguém a dizer “Não”, e esse Não mobiliza outros Não’s, tirando o fôlego à violência.

Sei ainda que a violência bruta imposta por alguém, também com dor, uma dor zangada que não se redimiou, pode ser combatida mas nunca justificada nem mantida. Esta dor que faz nascer a violência, precisa ser tratada para libertar aquele que a experimenta e alimenta.

Tanto a fazer! Por onde começar?

Proteger!

Proteger a esperança e a capacidade de amar, desde a criança até ao mais idoso;

Proteger as crianças de dores que não entendem e não sabem resolver.

Proteger quem começa a apostar nas relações que falam de amor, com pressa de crescer, sem saber como se cresce;

Reeducar quem acredita que ser grande é ter alguém a quem dominar;

Afirmar em todo o lado, que a vida se constrói na relação próxima, no respeito pela dignidade, pela liberdade e pela diferença de cada pessoa, num cuidado que se partilha.

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É CRIME**

**NÃO ACEITO! HÁ SOLUÇÃO!**

SITE OFICIAL: <http://violenciadomestica.madeira.gov.pt>

**PEÇO AJUDA:**

**Serviços:**

- 112** Polícia de Segurança Pública (PSP)
- 144** Linha de Emergência Social (LES)
- 291 205 135**  
Equipa de Apoio à Víctima de Violência Doméstica (ISSM, IP-RAM)
- 291 759 777**  
Associação Presença Feminina

**Na Zona de Residência:**

- Serviços de Ação Social
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
- Centro de Saúde / Hospital
- Tribunal
- Posto de Esquadra
- Escolas

Logos of various organizations including: Câmara da Madeira, DGRSP, SESARAM, AMRAM, and others.

Marco Milho

In “JM-Madeira”